

04 Agosto

21:30 — Grande Auditório

# NICOLE MITCHELL MANDORLA AWAKENING II: EMERGING WORLDS

# JAZZ EM AGOSTO 2019

**Nicole Mitchell** COMPOSIÇÃO / FLAUTA / ELETRÓNICA

**Avery R. Young** VOZ

**Tomeka Reid** VIOLONCELO / BANJO

**Mazz Swift** VIOLINO

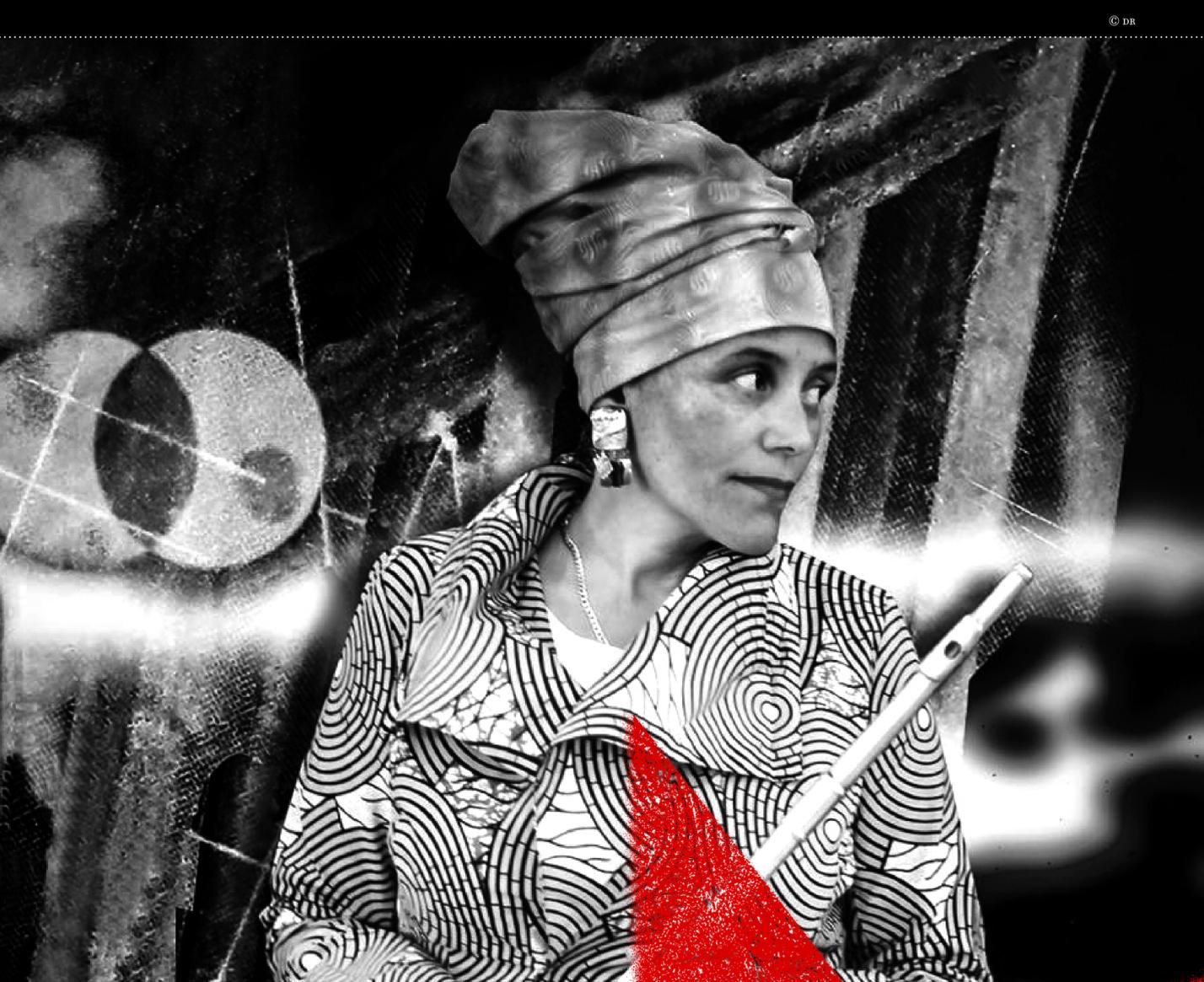
**Kojiro Umezaki** SHAKUHACHI

**Alex Wing** GUITARRA ELÉTRICA / OUD / TEREMIM

**Tatsu Aoki** CONTRABAIXO / SHAMISEN / TAIKO

**Jovia Armstrong** PERCUSSÃO

© DR



Nicole Mitchell dirige-nos um apelo à responsabilidade social e cívica. Inspirada na ficção científica de Octavia E. Butler e no imaginário afrofuturista de Sun Ra e do Art Ensemble of Chicago, a narrativa de “Mandorla Awakening II – Emerging Worlds” é uma alegoria passada no ano de 2099, contrapondo a uma sociedade violenta, patriarcal e de supremacia branca, retrato extremado da nossa ocidental, outra que é igualitária, pacífica e construída sobre o princípio feminino. Uma música em que o jazz engloba outras culturas planetárias, graças às contribuições de instrumentos tradicionais japoneses como o shakuhachi (Koshiro Umezaki), o shamisen e o taiko (recursos complementares do contrabaixista Tatsu Aoki), o médio-oriental oud (pelas mãos do guitarrista Alex Wing) a até o banjo (tocado pela violoncelista Tomeka Reid), instrumento americano com raras aparições no jazz dos nossos dias. Mas não só: fazem-se nela sentir importações clássicas e daquelas músicas que nasceram com a diáspora africana nos Estados Unidos, do gospel ao funk. Este panculturalismo continua a ter África como matriz, mas numa perspectiva que prolonga as filosofias universalistas de Le Sony’r Ra e Roscoe Mitchell, pai de Nicole.

Com este projecto, ainda mais do que em outros do seu percurso, a flautista e compositora devolve ao jazz a espiritualidade que este teve quando se fez representar por figuras como John Coltrane, Albert Ayler, Alice Coltrane, Pharoah Sanders ou Yusef Lateef. As palavras cantadas por Avery R. Young, cantor e declamador que é um porta-estandarte da comunidade queer negra, são da autoria daquela que já foi presidente da Association for the Advancement of Creative Musicians. Cada verso é uma chamada à acção, mas mesmo quando não há intervenção vocal a própria música apresenta-nos um outro mundo, alternativo a este, utópico, mas absolutamente necessário.

RUI EDUARDO PAES

O autor escreve segundo a antiga grafia.